

I ENCONTRO

BOAS PRÁTICAS EM INVENTÁRIO MUSEOLÓGICO

DESAFIOS DO PATRIMÓNIO CULTURAL

RESUMOS



2017

12 & 13 OUTUBRO

MUSEU VIVO DO FRANCISCANISMO / TEATRO RIBEIRAGRANDE

Índice

Sinopse do evento.....	03
Programa.....	04
Nota Biográfica dos Oradores.....	06
Resumos das comunicações.....	12
Exposição Conventos de Lisboa – Permanências e Metamorfoses.....	22

I ENCONTRO

«BOAS PRÁTICAS EM INVENTÁRIO MUSEOLÓGICO: Desafios do Património Cultural»

Cidade da Ribeira Grande, Museu Vivo do Franciscanismo

O Encontro «BOAS PRÁTICAS EM INVENTÁRIO MUSEOLÓGICO: Desafios do Património Cultural» acontece através da parceria mantida entre o Museu Vivo do Franciscanismo, museu gerido pela Câmara Municipal da Ribeira Grande, a Santa casa da Misericórdia da Ribeira Grande e o Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar (CHAM) unidade de investigação interuniversitária vinculada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e à Universidade dos Açores.

A classificação e o inventário museológico constituem uma fonte de conhecimento inesgotável e, simultaneamente, uma ferramenta de trabalho na gestão de coleções museológicas sendo um elemento essencial para os processos de investigação científica e consequente preservação da nossa Memória.

Com este encontro pretende-se debater os desafios que são colocados diariamente a todos os atores no processo museológico, no que diz respeito ao registo e classificação dos acervos culturais, nas suas vertentes material e imaterial.

O encontro reúne um conjunto diversificado de intervenientes da área do Património Cultural desejando-se que esta reunião de experiências possa ser um exercício de reflexão e troca de conhecimentos em torno dos sistemas de informação dos museus e instituições que têm como missão a gestão cultural e, assim, efetuando-se um enfoque na normalização, estruturação e adequação dos dados preservados nestas instituições, independentemente do tipo de acervo ou do seu suporte.

O evento deseja atingir um público-alvo interessado nestas temáticas composto, não só por técnicos e funcionários dos museus, mas também por alunos universitários e a sociedade civil de uma forma geral.

Embora cientes que os temas apresentados não se esgotaram nas bases teóricas debatidas durante o encontro pretende-se que o mesmo possa privilegiar as experiências e metodologias de trabalho utilizadas pelos profissionais da área da museologia e do património.

Deste modo esperamos que o encontro conduza a uma maior aproximação entre todos os intérpretes do fenómeno cultural.

12 | OUTUBRO | TEATRO RIBEIRAGRANDENSE

| **09H00** | Receção aos participantes
Inscrições e entrega de documentação

| **09H30** | Sessão de abertura presidida pelo Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande

1º PAINEL – MODERAÇÃO DE ISABEL SOARES ALBERGARIA (CHAM)

| **10H00** | Duarte Nuno Chaves (CHAM)/ António do Vale (CMRG)
«O Sistema Integrado de Inventário e Gestão de Património dos museus da Câmara Municipal da Ribeira Grande»

| **10H20** | Hélia Silva (CMLisboa)
«Uma base de dados interativa como forma de divulgação do património. O Projecto LXConventos»

| **10H40** | João Paulo Constância (MCM)
«Inventário Museológico: velhos problemas e novas abordagens»

2º PAINEL – MODERAÇÃO DE RUI FARIA (CMRG)

| **11H30** | Graça Alves (CEHA)
«Da História dos dias - diários de amor de Maria do Livramento e de Cândido Forjaz: um (outro) património»

| **11H50** | Cláudia Faria (CEHA)
«Quando o individuo encontra a História – Memória das Gentes que fazem História»

3º PAINEL – MODERAÇÃO DE JOÃO PAULO CONSTÂNCIA (MCM)

| **14H00** | Wellington Nascimento (CHAM - FCSH/NOVA-UAC)
«Desafios e perspectivas: o inventário da coleção africana do Museu Carlos Machado»

| **14H20** | Isabel Soares de Albergaria (CHAM - FCSH/NOVA-UAC)
«Do inventário à classificação: um olhar sobre a gestão do património imóvel dos Açores»

| **14H40** | Maria Manuel Velasquez (MA)

«*Os museus como sistemas de informações complexos. Os desafios da inventariação colaborativa e da interoperabilidade*»

| **15H00** | Nzinga Oliveira e João Gonçalves Araújo (CHAM - FCSH/NOVA-UAC)

«*O Inventário em Arqueologia métodos, técnicas e boas práticas*»

4º PAINEL – MODERAÇÃO DE DUARTE NUNO CHAVES (CHAM)

| **15H40** | José Guedes da Silva (DRC)

«*Identificação, tratamento e gestão de coleções fotográficas*»

| **16H00** | José Vicente (CMLisboa)

«*A Fotografia no Inventário Museológico – os exemplos da Galeria de Arte Urbana e do projeto LxConventos*»

| **16H20** | Raul Gregório (DRC)

«*A inter-relação entre inventário, correlação de dados, valorização e conservação*»

13 | OUTUBRO | MUSEU VIVO DO FRANCISCANISMO

| **10H00** | Visita guiada ao Museu Vivo do Franciscanismo

5º PAINEL – MODERAÇÃO DE IGOR FRANÇA (CMLAGOA)

| **10H30** | Joana Simas (CMLagoa)

«*A génese da Coleção Visitável da Matriz de Lagoa: inventário*»

| **10H50** | Hélia Silva (CML)

«*A documentação do processo de extinção das ordens religiosas como fonte para Inventários Museológicos – o caso de Lisboa*»

| **11H30** | Inauguração da Exposição

«*Conventos de Lisboa – Permanências e Metamorfoses*»

NOTAS BIOGRÁFICAS

| António Cristóvão Pereira do Vale

Técnico de Informática na Câmara Municipal da Ribeira Grande exercendo funções técnicas nos serviços da edilidade. Frequentou diversas ações de formação, tais como, Programação e Análise de Sistemas, Administração de Sistema Operativo *Linux*, Desenho e Implementação de *Web Services*, Segurança da Informação, Gestão de Tecnologias de Virtualização, Administração de Redes e Programação de Equipamentos Ativos.

Desenvolveu diversas aplicações para o município, programador e desenvolvedor de aplicações com software livre, tais como o Portal da Transparência, Orçamento Participativo, Atendimento ao Munícipe, alertas por *SMS*, Arquivo, Estatísticas de visitas aos Museus.

| Cláudia Maria Ferreira Faria

Natural de Santa Luzia, Funchal, nascida a 12 de maio de 1971, professora de Inglês/Alemão no ensino Secundário na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, Funchal, ilha da Madeira.

Tem o Bacharelato em Técnicas de Turismo (ISAL) e licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade da Madeira (UMA).

Frequentou o curso de mestrado em Cultura e Literatura Anglo-americanas (UMA) onde defendeu a tese intitulada *Phelps, Percursos de uma família britânica na Madeira de Oitocentos*, sob orientação do Professor Doutor João Adriano Ribeiro, trabalho que foi alvo de publicação em 2008 na coleção Funchal 500anos.

É doutoranda na Universidade Nova de Lisboa na especialidade de estudos culturais com o tema o *Diário de Mary Phelps (1839-1843): um retrato britânico da Ilha da Madeira*, sob orientação da Professora Doutora Maria Zulmira Castanheira.

Neste momento encontra-se destacada no Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA) e é membro do *Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS) de Lisboa e do IABA Europe*.

| Duarte Nuno Chaves

Doutor em História da Arte pela Universidade de Évora e mestre em Património Museologia e Desenvolvimento pela Universidade dos Açores. Desenvolve, atualmente, investigação de Pós-doutoramento com incidência no estudo das tradições processionais da Ordem Terceira da Penitência nos séculos XVIII e XIX, em particular no contexto da atividade de catequização que os franciscanos desenvolveram nos arquipélagos dos Açores e Madeira, designadamente na utilização das “imaginária de vestir”.

É investigador integrado do CHAM na Universidade dos Açores colaborando, ainda, com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, desta universidade, enquanto docente convidado, na qual leciona disciplinas na área do Património Cultural. Paralelamente é autor e co-autor de várias publicações científicas, coordenador múltiplos projetos de Mediação Cultural e Educação Patrimonial junto das escolas do Ensino Básico e Secundário, na ilha de S. Miguel, desenvolvendo atividades nas áreas do Património e Museologia. Paralelamente é de destacar a sua atividade como consultor científico nos Museus Municipais da Ribeira Grande, S. Miguel – Açores e no Serviço dos Bens Culturais da Igreja da Diocese de Angra.

| Graça Maria Nóbrega Alves

Nasceu na Madeira. É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas e é professora do Ensino Secundário, requisitada pela Direção Regional de Cultura da RAM no Centro de Estudos de História do Atlântico, onde tem desenvolvido projetos ligados à literatura e às histórias de vida. De salientar que é autora e co-autora de várias obras e artigos de referência, nomeadamente: *Biblioteca Digital de Autores Insulares*, Irene Lucília Andrade, CEHA, 2011; *Paisagens Literárias (A Madeira nos contornos da escrita)*, uma edição do CEHA, 2014; ALVES, Graça, *Escritas(s) sobre a Madeira: vozes da Ilha na Literatura Portuguesa*. Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico. Funchal. (2011) 135-173. ALVES, Graça, *Para lá da Travessa: representações literárias do Porto Santo: uma ilha (nem sempre) dourada*. Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico. Funchal. (2012) 169-187. ALVES, Graça, *Ao cair do texto: o porto: visões literárias do porto do Funchal: séculos XVII-XX* (1), entre outros.

| Hélia Silva

Licenciada em arquitetura pela Universidade Lusíada no ramo de recuperação (1991). Mestre em Arte, Património e Restauro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2005), tendo defendido a dissertação de mestrado com o tema “Giovanni Grossi e a evolução dos estuques decorativos no Portugal setecentista”. Técnica da Câmara Municipal de Lisboa desde 1992 tendo desenvolvido o seu percurso profissional nas áreas da reabilitação, do planeamento e gestão urbana. Membro do Núcleo de Estudos do Património da Direção Municipal de Cultura trabalha na área da proteção do património edificado. Membro do conselho editorial da revista de investigação **rossio. estudos de Lisboa** (<http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/por-tematica?pub=770>). Investigadora e membro da equipa de coordenação do projeto FCT – PTDC/CPC-HAT/4703/2012, LxConventos - **Da cidade sacra à cidade laica: a extinção das ordens religiosas e as dinâmicas de transformação urbana na Lisboa do século XIX** (<http://lxconventos.cm-lisboa.pt/>).

Investigadora e membro da equipa de coordenação científica do documentário e da exposição sobre a vida e obra do arquiteto Miguel Ventura Terra.

“Ventura Terra, arquiteto. Do útil e do bello”, Torreão poente, Praça do Comercio, Lisboa. De 13 de julho a 21 de outubro de 2017 (<https://www.youtube.com/watch?v=aNfebbDPto4>).

| Isabel Soares de Albergaria

Professora Auxiliar da Universidade dos Açores, licenciada em História-variante de História da Arte (FCSH-UNL, 1988), mestre em História da Arte (FCSH-UNL, 1996) e doutorada em Arquitetura (IST-UTL, 2012). É membro integrada do CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores e membro votante do ICOMOS (UNESCO) para o painel Paisagens Culturais. Desde 1988 tem dedicado especial atenção às questões do património paisagista e arquitetónico tendo nesse âmbito diversa obra publicada. Tem prestado colaboração e consultoria em diversos domínios, dos jardins, à paisagem, ordenamento do território e património edificado. Entre alguns dos projetos destacam-se a colaboração com a Direção Regional da Cultura como membro da Comissão de Reavaliação dos Imóveis Classificados nos Açores (2014-2016); Membro da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja (2010-2017); consultora para o Inventário do Património Imóvel dos Açores, (2007-2015); consultora e co-redatora de 3 roteiros temáticos: «A Ribeira Grande e o “Estilo Micaelense»»; «A Ribeira Grande e os circuitos da Arquitetura Religiosa»»; «A Ribeira Grande e a Arquitetura Agro-industrial», Instituto Açoriano de Cultura (2008-2009).

| Joana Simas

Licenciada em Património Cultural pela Universidade dos Açores em 2014. Atualmente a terminar o Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento pela mesma Universidade. Foi a responsável pelo inventário da Igreja Matriz de Lagoa e, posteriormente, foi Coordenadora Científica do projeto implementado na Igreja Matriz de Lagoa intitulado «Coleção Visitável da Matriz de Lagoa» inaugurada a 18 de maio de 2017.

| João Gonçalves Araújo

Licenciado e Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Arqueólogo de profissão: colaborou em projetos de investigação e salvaguarda de Arqueologia em Portugal continental, em contexto académico e autárquico; colabora e coordena projetos de investigação e salvaguarda no Arquipélago dos Açores, com intervenções em algumas das principais cidades da região (Ponta Delgada, Angra do Heroísmo, Praia da Vitória e Horta). É Assistente

de Investigação do CHAM – Centro de Humanidades | FCSH/UNL – UAç e membro da direção da Associação Histórias Sábia – Património Cultural, Arqueológico e Artístico. De destacar a sua participação em diversas conferências e comunicações na aérea da arqueologia.

| João Paulo Alvão Serra de Medeiros Constância

Natural da freguesia de Sé Nova (Coimbra). Nascido a 04.05.1962.

Frequência do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina na Universidade do Porto. Licenciatura em Biologia – Ramo Científico, pela Universidade do Porto. Pós-graduação em Museologia, pelo ISMAG/Universidade Lusófona. Técnico Superior do Museu Carlos Machado desde 1991. Conservador das coleções de História Natural e de Imagem. Coordenador do projeto de Gestão Documental dos Museus da DRC. Docente convidado da Universidade dos Açores na Licenciatura em Património Cultural, entre 2006 e 2012, tendo ministrado as cadeiras de Museologia, Gestão e Políticas Patrimoniais e Metodologias de Aquisição, Inventário e Classificação Patrimoniais. Formador no domínio da Biologia e da Documentação Museológica. Detentor da certificação de Aptidão de Formador, desde 2000.

Presidente da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja (Diocese de Angra), entre 2012 e 2017. Autor de diversas publicações e artigos científicos, nas áreas da biologia, museologia e espeleologia. Participante, com comunicação, em vários encontros, seminários e congressos nos domínios da museologia, biologia e espeleologia. Co-autor de vários livros no domínio da divulgação científica. Comissário/Curador de diversas exposições.

| José Guedes da Silva

Nasceu no Porto em 1955 e viveu nos Açores entre 1959 e 1970, aonde regressou em 1982. Licenciou-se em Património Cultural na Universidade dos Açores.

Na formação profissional mais relevante constam os estudos em fotografia, radiografia e ultrassons para obras de arte nas empresa e instituições, Gilardoni S.P.A. – Produzione di Apparecchiature a Ragi x ad Ultrasoni, Mandello del Lario, Lecco, Itália, no Institut Royal du Patrimoine Artistique, em Bruxelas e em Lisboa no Instituto José de Figueiredo, Laboratório de Fotografia e na Divisão de Documentos Gráficos daquela instituição, em estudos sobre “Tecnologia de materiais factores de degradação, controlo de condições ambientais, manuseamento, manutenção e limpeza”; na continuação desta temática, frequentou ainda Oficinas na Associação Portuguesa dos Bibliotecários e Arquivistas (BAD), Arquivo Nacional de Fotografia, Arquivo Municipal de Lisboa - Núcleo Fotográfico, Fundação Calouste Gulbenkian/Rochester Institute of Technology, **U.S.A.** e em Espanha nas Diputaciòn Provincial de Huesca e Associació d’Arxiviers de Catalunya.

Iniciou a sua atividade profissional em Lisboa em 1975 onde trabalhou como fotógrafo de teatro e fotojornalista. Em 1999 encetou a sua atividade como fotógrafo gráfico no antigo Instituto de Meteorologia e Geofísica. Desde 1982, altura em que foi convidado pelo então diretor do Museu de Angra do Heroísmo a trabalhar no laboratório de diagnóstico de obras de arte, é o responsável por esse serviço, hoje dependente da Divisão do Património Móvel e Imaterial e Arqueológico da Direção Regional da Cultura dos Açores.

Publicou trabalhos em jornais, catálogos, revistas e livros nacionais e estrangeiros. Tem obras em coleções oficiais e particulares, em Portugal e no estrangeiro.

| José Vicente

Fotógrafo - Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa.
Membro da Agência Calipo.

Inicia a atividade fotográfica em 1993, num atelier de maquetas de arquitetura. Licenciado em Geologia (Faculdade de Ciências - 2002), realiza o Curso Técnico de Especialização em Fotografia Documental / Reportagem, na Escola Técnica de Imagem e Comunicação (ETIC) em 2005/06, e frequenta as disciplinas de Técnicas Fotográficas, de Fotografia de Arquitetura e de Projeto (Fotografia 4 - Fotografia Aplicada Projeto) no ARCO - Centro de Arte e Comunicação Visual em 2008. Participa em diversos trabalhos científicos, como fotógrafo, de onde se destaca a colaboração com o Museu Geológico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia em 2005 e 2007, fotografando parte da coleção de rochas, minerais e fósseis para a base de dados daquela instituição. Em 2006 inicia uma colaboração com o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MNHNC), em que fotografa diversas coleções geológicas, e onde leciona uma Oficina de Fotografia de Minerais e Fósseis, em 2009, e uma Oficina de Fotografia de Objetos de História Natural, em 2011. Leciona o curso de Fotografia Aplicada à Museologia organizado pelo ARCO - Centro de Arte e Comunicação Visual e pelo MNHNC (edições em 2013 e 2014).

| Maria Manuel Velasquez Ribeiro

Licenciada em História, pós-graduada em História Insular e Atlântica, e Mestre em Museologia e Património.

Técnica Superior do Museu de Angra do Heroísmo.

Chefe de Divisão do Património Móvel e Imaterial da Direção Regional da Cultura entre 2003 e 2011

Membro do Grupo Trabalho de Sistemas de Informação em Museus da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas desde 2013.

| Nzinga Oliveira

Licenciada em História – variante de Arqueologia, pela Universidade Nova de Lisboa e Mestre em História Insular e Atlântica pela Universidade dos Açores. Arqueóloga de profissão, colabora e coordena projetos de investigação e salvaguarda de arqueologia subaquática e terrestre, em Portugal continental e no arquipélago dos Açores. É Assistente de Investigação do CHAM – Centro de Humanidades | FCSH/NOVA – UAc, onde colabora em projetos de Mediação Cultural e Educação Patrimonial, e efetua consultoria na área do património arqueológico, e Presidente da Associação Histórias Sábias – Património Cultural, Arqueológico e Artístico. Autora de vários trabalhos de referência, de comunicações e conferências de produção científica em Portugal e no estrangeiro.

| Raul Gregório

Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento, com dissertação em Conservação e Restauro, pela Universidade dos Açores.

Começou a sua atividade profissional na área de Conservação e Restauro, no quadro de pessoal da Direção Regional da Cultura, desde 1995, no então Centro de Estudo, Conservação e Restauro dos Açores, entretanto extinto. Atualmente, desempenha as mesmas funções na Divisão de Património Móvel, Imaterial e Arqueológico, da mesma direção regional.

Lecionou a cadeira de “levantamento de Patologias e conservação Preventiva” no Curso de Especialização Técnica em Conservação e Restauro de Mobiliário, ministrado pela Universidade dos Açores, entre 2008 e 2009.

| Wellington Nascimento

Licenciado em Património Cultural pela Universidade dos Açores e Mestre em Património Museologia e Desenvolvimento pela mesma Universidade, Doutorando em História da Arte pela Universidade de Évora. É músico profissional, assistente de investigação do CHAM – Centro de Humanidades da Universidade dos Açores e Universidade Nova de Lisboa e investigador colaborador do CHAIA – Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora. É formador na Rede Valorizar e coordena projetos de Mediação Cultural e Educação Patrimonial, junto às escolas do Ensino Básico e Secundário no arquipélago dos Açores, coordena o Departamento Multimédia do CHAM da Universidade dos Açores e desenvolve ainda atividades de investigação nas áreas do Património, Museologia e Musicologia tendo participado em Colóquios e Conferências regionais, nacionais e internacionais e autor de vasta bibliografia em revistas, jornais e publicações científicas.

RESUMO DAS COMUNICAÇÕES

1º PAINEL

| **António do Vale (CMRG) e Duarte Nuno Chaves (CHAM-FCSH/NOVA-UAç)**

«*O sistema integrado de inventário e gestão de património dos museus da Câmara Municipal da Ribeira Grande*»

O sistema integrado de inventário e gestão de património dos museus da Câmara Municipal da Ribeira Grande, de base web, é uma plataforma virtual direcionada para a gestão e divulgação **on-line** dos ativos integrados de Património Cultural (móvel, imóvel e imaterial) geridos pelos museus tutelados pela CMRG.

Trata-se de um *WebSite* que permite o acesso a toda a informação através de um navegador (*Internet Explorer, Google Chrome, Mozilla, Edge*) e também através de dispositivos móveis (*Smartphones, tablets, etc.*). O referido *Web-Site* está preparado para ser acedido a partir de qualquer ponto na *Intranet* e *internet*, quer para simples consultas quer para registos, com funções diferenciadas por permissões atribuídas aos utilizadores, sem exigir qualquer instalação prévia no computador de acesso. Desenvolvido pela Câmara Municipal da Ribeira Grande com uso de *PHP, HTML, javascript* e *MYSQL*.

| **Hélia Silva (CMLisboa)**

«*Uma base de dados interativa como forma de divulgação do património. O Projeto LXConventos*»

Desenvolvendo-se entre maio de 2013 e novembro de 2015, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o projeto *LxConventos: da Cidade Sacra à Cidade Laica. A extinção das ordens religiosas e as dinâmicas de transformação urbana na Lisboa do século XIX* (PTDC/CPC-HAT/4703/2012) resulta de uma parceria entre o Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL), o Departamento de Património Cultural (CML), o Arquivo Nacional da Torre do Tombo (DGLAB) e o NOVALINCS – *Laboratory for Computer Science and Informatics* da Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNL).

Este projeto teve como objetivo estudar, de forma sistemática e integrada, o impacto da extinção das ordens religiosas no desenvolvimento, funções e imagem da nova cidade liberal. Edificados até ao final do século XVIII, a maioria das casas religiosas de Lisboa impôs-se pela sua relevância arquitetónica e artística, localização privilegiada, escala e natureza espacial; e foram, e são ainda, edifícios de carácter excecional, marcos simbólicos da cidade e polos de transformação urbana.

Pretendeu-se desenvolver uma linha de investigação assente em metodologias

interdisciplinares que, abrangendo predominantemente as vertentes urbanística, histórica e arquitetónica, sistematizassem informação e cruzassem fontes documentais e cartográficas, algumas inéditas, que integram os acervos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) e do Arquivo Municipal de Lisboa (AML).

Pela dimensão e complexidade do universo de estudo, a concretização destes objetivos só foi possível devido à constituição de uma equipa pluridisciplinar nas áreas da História e da História da Arte, Urbanismo, Arquitetura, Artes Decorativas, Património Industrial; o restauro e o tratamento arquivístico das fontes primárias (nomeadamente as séries dos processos de extinção das casas religiosas de Lisboa – Arquivo Nacional da Torre do Tombo) e das tecnologias de informação (desenvolvimento do website LxConventos – NOVALINCS, Faculdade de Ciências e Tecnologia).

Na presente comunicação pretende-se apresentar o *website* do projeto (<http://lxconventos.cm-lisboa.pt/>) nomeadamente a sua estrutura e o acesso aos vários estudos parciais, a base de **LEGISLAÇÃO** (que compila os principais diplomas legais e normativos relacionados com o projeto), assim como o acesso à **BASE DE DADOS** e ao **MAPA** interativo.

Em **BASE DE DADOS** entra-se num ambiente de pesquisa sobre “Casas religiosas”, “Ordens religiosas” e “Bibliografia”, com informação interrelacionada. Cada casa religiosa apresenta uma “Ficha de dados descritivos e iconográficos” com ligação à componente de mapas interativos. O componente de pesquisa à base de dados (PESQUISA / BASE DE DADOS) foi desenvolvido em *In web* pela Sistemas do Futuro empresa que desenvolveu o sistema de Gestão Inteira – *in patrimonium*.

Em **MAPA** visualiza-se a localização das casas religiosas, identificando os edifícios e respetivas cercas (quando existentes) em 1834 e 2015, permitindo assim observar a sua evolução e integração na cidade sobre cartografia atual ou histórica de diferentes épocas. A componente de mapas (PESQUISA / MAPA) foi desenvolvida pela NOVALINCS com recurso a *webservices* espaciais de acesso a bases cartográficas da Câmara Municipal de Lisboa.

| João Paulo Constância (MCM)

«*Inventário Museológico: velhos problemas e novas abordagens*»

Com a adoção generalizada de *standards* para a documentação e gestão de coleções em Museus, como é o caso da norma *Spectrum*, produzida para os museus do Reino Unido e que hoje é adotada por muitas instituições em todo o mundo e usada no desenvolvimento de aplicações para a informatização dos inventários, tem-se conseguido um rigor cada vez maior na gestão da documentação dos acervos e uma maior fiabilidade na condução dos processos museológicos. Contudo, com a

implementação destas novas práticas, adveio também uma maior complexidade de todo o sistema. O nível de detalhe que hoje é possível, e eventualmente desejável, quer na documentação das peças, quer ao nível da gestão das coleções, leva a que o processo de inventário, entendido no seu sentido mais lato, deva ser repensado e gerido de modo a tornar-se realmente eficaz e, por conseguinte, adequado aos recursos e prioridades da instituição. Neste processo de decisão, devem ser tidos em conta aspetos fundamentais como a formação de técnicos e a definição de prioridades resultantes de critérios bem definidos. Nesta perspetiva, o inventário museológico, para além de dever assentar num modelo conceptual adequado e que siga as normas internacionais mais amplamente aceites, deve obedecer a um conjunto de orientações e de princípios estabelecidos pela instituição, de modo a assegurar a adequação do trabalho técnico, do tempo a despender e que pondere as necessidades e limitações existentes. Neste âmbito, propõe-se um modelo para o processo de inventário assente em três componentes, de modo a permitir uma melhor definição de prioridades e a adequação ao perfil dos inventariantes, sendo explanado, para cada uma delas, os pontos considerados mais críticos e que deverão merecer maior atenção.

2º PAINEL

| Graça Alves (CEHA)

«Da História dos dias – Diários de amor de Maria do Livramento e de Cândido Forjaz: um [outro] património

Dentro das casas, em lugares que o tempo faz esquecer, há um património que importa resgatar, recuperar e valorizar, porque nos traz outros olhares sobre a História: são memórias, retratos, cartas, diários e outros documentos pessoais que atravessam gerações. Foi nesta consciência que se baseou o projeto “Memória das Gentes que fazem a História”, do CEHA/DRC.

Mantendo intacto o compromisso de fidelidade e veracidade quanto aos factos e às pessoas - o pacto de Philippe Lejeune - esta comunicação pretende, sobretudo, apresentar os rudimentos de outra História que complementará a História, a das gentes comuns e dos quotidianos.

Fazendo uso das ferramentas da História Oral, das Histórias de Vida e das escritas do Eu, analisamos a correspondência de dois jovens açorianos – Cândido Pamplona Forjaz e Maria do Livramento Mesquita Abreu – entre 1924-1933. São cartas-diários que circulam nos vapores que ligam Angra do Heroísmo a Lisboa, onde Cândido estuda Filologia Românica.

Por elas circulam sonhos, projetos, angústias; por elas, circula a vida, o quotidiano, a revolta de 1931 e as vivências da Ilha Terceira – as receções, touradas, os carnavais, as

festas, as procissões - abrindo deste modo, uma janela para a forma como se passam os dias, nos anos 20 e 30 do século XX.

A História, hoje, faz-se a partir de uma multiplicidade de fontes, onde os arquivos privados ganham uma importância extraordinária, porque trazem Vida aos acontecimentos e aos documentos oficiais. Este acervo – açoriano, por sinal – faz parte de um património que não se pode deixar morrer, sob pena de se perder um pedaço da alma das gentes.

| Cláudia Faria (CEHA)

«Quando o individuo encontra a História - Memória das Gentes que fazem a História»

O Projeto Memória das Gentes que fazem a História, instituído pelo CEHA (Centro de Estudos de História do Atlântico) em 2012, pretende dar protagonismo a vozes, regra geral, silenciosas trazendo para a discussão visões e sentires complementares para a construção da HISTÓRIA.

Tendo como linhas orientadoras os pressupostos e metodologias da História Oral, o *Memória* tem, através da recolha de documentos, fotos, objetos e de entrevistas áudio e vídeos, procurado (re)construir não só a identidade insular como também traçar uma matriz que defina de forma mais heterógena e abrangente a génese do Arquipélago da Madeira.

Nesta comunicação iremos debruçar-nos sobre as várias implicações das memórias e das narrativas (auto)biográficas assim como sobre as tensões e os desafios deste *“undoing history”* e de quando o individuo encontra a história.

3º PAINEL

| Wellington Nascimento (CHAM-FCSH/NOVA-UAç)

«Desafios e Perspectivas: O inventário da coleção africana do Museu Carlos Machado»

Em meados do século XIX o Museu Carlos Machado, incorporou ao seu espólio um conjunto de artefatos africanos doados pelo 2º Conde de Fonte Bela, Jacinto da Silveira Gago da Câmara, esses artefatos originalmente pertenceram ao Contra-Almirante Pedro Carlos de Aguiar Craveiro Lopes (Capitão do Porto de Ponta Delgada entre 1886 e 1888). Após a sua morte a Sr.ª Mariana Âmbar, viúva do Contra-Almirante, vendeu o espólio por um conto de reis ao 2º Conde de Fonte Bela. A Coleção é um acervo unitário e fechado, com cerca de 600 peças, de diversas etnias e localidades da África e é composta de estatuetas, máscaras, armas, instrumentos musicais, encostos de cabeça, etc., sendo mais comuns as peças de madeira e metal. Pouco mais se sabe sobre a Coleção e a génese de sua formação, e até a data da incorporação da Coleção no acervo do MCM também é imprecisa, constando apenas o primeiro registo da

sua catalogação, em 20 de abril de 1893, da responsabilidade do Sr. Manoel Antonio de Vasconcelos, preparador do Museu nesse período. Inicialmente localizado no antigo Liceu Nacional de Ponta Delgada, situado no edifício do extinto Convento dos Gracianos, em 1943, o MCM foi instalado no antigo Convento de Santo André e desde esta data (1943) a Coleção Africana encontra-se instalada numa das salas do Convento, e reservada do público até ao presente, pela ausência de pesquisa aprofundada e sistemática sobre o espólio de características muito particulares por comparação com os restantes núcleos existentes no Museu.

| Isabel Soares de Albergaria (CHAM-FCSH/NOVA-UAç)

«Do inventário à classificação: um olhar sobre a gestão do património imóvel dos Açores»

Antecipando o que viria a ser um dos requisitos definidos pela Lei de bases do Património Cultural nº 107/2001, de 8 de setembro, a Região Autónoma dos Açores, através de um protocolo firmado entre a Direção Regional da Cultura (DRC) e o Instituto Açoriano de Cultura (IAC), implementou um exaustivo e ambicioso projeto de inventariação do património imóvel da Região, cujo trabalho de campo teve início em 1997 e só foi concluído em 2015. Paralelamente, uma comissão especializada criada em agosto de 2014 por iniciativa da mesma Direção Regional foi encarregue de rever e atualizar o conjunto dos imóveis classificados da Região, atendendo à visão geral permitida pelo inventário. Tanto um como o outro constituem projetos não totalmente concluídos.

Os objetivos da comunicação prendem-se com a apresentação e discussão dos métodos e resultados aplicados nas duas iniciativas governamentais, procurando descortinar as razões do seu parcial insucesso e detetando os limites inerentes ao desenvolvimento de uma verdadeira política de gestão patrimonial nos Açores.

| Maria Manuel Velasquez (MA)

«Os museus como sistemas de informações complexos. Os desafios da inventariação colaborativa e da interoperabilidade»

Num contexto de proliferação das instituições que reclamam a guarda da memória, e da diversidade dos suportes dessa mesma memória, com esta comunicação pretende-se questionar e refletir sobre o papel e os processos que os museus interpretam no registo e na documentação da(s) memória(s) coletiva, local, pessoal através dos seus inventários.

| Nzinga Oliveira e João Gonçalves Araújo (CHAM-FCSH/NOVA-UAç)

«O Inventário em Arqueologia: métodos, técnicas e boas práticas»

A Arqueologia, como ciência que estuda o passado humano com base nos vestígios

materiais deixados pelas populações ao longo dos tempos, assume-se como um campo do saber particularmente sensível a uma rigorosa e adequada gestão desses mesmos vestígios materiais. Deste modo, as técnicas de inventário patrimonial em arqueologia são, por isso, um garante de rigor científico, desde o momento da recolha do espólio, *in situ*, até à peça ser integrada em contexto museológico.

A correta etiquetagem de embalagens para armazenamento e transporte dos artefactos arqueológicos recolhidos é o primeiro passo nessa cadeia, pois garante que o espólio não perde o seu significado contextual e cronológico. Numa fase posterior, realiza-se a marcação das peças, às quais são atribuídos números individuais, onde constam todas as coordenadas necessárias à identificação e contextualização das mesmas. A inventariação do espólio segue-se na ordem de trabalhos, em a criação de uma base de dados, adaptada à realidade arqueológica do sítio intervencionado. No geral, o ideal passa pela construção de bases de dados o mais completas possíveis, onde conste toda a informação pertinente respetiva a cada artefacto.

Depois de inventariadas, as peças são acondicionadas em contentores próprios, geralmente organizadas com base em coordenadas arqueológicas pertinentes, e integradas em reservas museológicas. Urge referir a necessidade da criação de condições ambientais adequadas ao armazenamento e conservação dos materiais arqueológicos. A título de exemplo, destacamos os artefactos metálicos, que necessitam de ambientes climatizados estáveis por forma a garantir a preservação das peças; ou os elementos recolhidos em contextos subaquáticos, como as madeiras, que requerem um tratamento e armazenamento específicos, para estabilização das mesmas, evitando a sua degradação.

O estudo dos materiais arqueológicos e a sua correta interpretação encontra-se, portanto, totalmente dependente da correta etiquetagem, marcação e inventariação do espólio. Um erro poderá por em causa o processo e, eventualmente, conduzir os investigadores a conclusões erradas, pondo em causa o rigor científico do estudo e comprometendo a leitura dos contextos arqueológicos.

4º PAINEL

| José Guedes da Silva (DRC)

«Identificação, tratamento e gestão de coleções fotográficas»

No seu conjunto, as coleções são compostas por diversos processos fotográficos que percorrem os séculos XIX, XX e XXI: a variada composição, em termos técnicos, da produção industrial dessas espécies e, de igual modo, a problemática da conservação preventiva, bem como da sua gestão, utilizando as normas internacionais adequadas a este tipo de documentos gráficos.

Pretende-se dar a conhecer o que fazer a um espólio fotográfico, mesmo pequeno

que seja: a avaliação da quantidade de espécies, a qualidade, o estado de conservação e o interesse da coleção. Isto faz-se através da observação do conteúdo tipológico e da realização de um pré-inventário que vai resultar num inventário final, na conservação adequada da coleção e numa gestão criteriosa da mesma. Finalmente, preparar a informação para indexação numa base de dados geral.

| José Vicente (CMLisboa)

«A Fotografia no Inventário Museológico - os exemplos da Galeria de Arte Urbana e do projeto LxConventos»

Todo e qualquer património está sujeito à alteração ou ao desaparecimento, seja por motivos naturais, como as condições meteorológicas que levam ao desgaste da arte pública e monumentos, por motivos sociais, como por exemplo as alterações urbanísticas que levam a demolições de certos edifícios, ou por acidentes, como incêndios ou inundações.

E, apesar da sua subjetividade inerente, o que fica para a posteridade são as imagens, fotografias ou desenhos, e as descrições escritas desse mesmo património, revelando o seu estado àquela data.

No entanto, a facilidade de apreensão de dados é muito mais fácil e imediata através de imagens do que de texto. *“Use a picture. It’s worth a thousand words.”*, famosa frase atribuída a *Tess Flanders* em 1911, editor do *Syracuse Post Standard* (*“Speakers Give Sound Advice”*. *Syracuse Post Standard*. page 18. March 28, 1911), revela a importância do uso de imagens quer em jornais e revistas, quer em publicações científicas, e atualmente também em bases de dados e meios digitais.

Obviamente que não se pode descurar a importância das descrições escritas, pois estas conseguem incorporar informações contextuais impossíveis de registar em fotografia ou compilar num desenho. Deste modo estes dois métodos descritivos são complementares e indispensáveis para o bom inventário museológico.

A imagem desempenha também um papel decisivo na tomada de atenção para os assuntos que ilustra. Uma imagem esteticamente agradável, mesmo que não seja a mais representativa ou ilustrativa, convida o observador/leitor a debruçar-se de forma mais atenta sobre os textos descritivos ou sobre outras imagens mais representativas.

A inventariação de Arte Urbana

“A Galeria de Arte Urbana (GAU) do Departamento de Património Cultural (DPC) da Câmara Municipal de Lisboa tem como principal missão a promoção do graffiti e da street art em Lisboa, dentro de um quadro autorizado e segundo uma ótica de respeito pelos valores patrimoniais e paisagísticos, em oposição aos atos ilegais de

vandalismo que agridem a Cidade.” (in <http://gau.cm-lisboa.pt/gau.html>).

Deste modo todas as peças de arte urbana realizadas dentro das diretrizes da GAU, ou seja, “num quadro autorizado” são inventariadas, sendo fotografadas, georeferenciadas e inseridas em base de dados.

No entanto, como a arte urbana de génese ilegal faz parte do contexto artístico e social da cidade, é realizada a inventariação destas peças de arte pelo DPC.

Sendo a arte urbana uma arte visual e efémera, o registo fotográfico é fundamental para a sua conservação e estudo, e carece de especificidade próprias.

O projeto LxConventos

“Este projeto teve como objetivo estudar, de forma sistemática e integrada, o impacto da extinção das ordens religiosas no desenvolvimento, funções e imagem da nova cidade liberal [...] Embora centrado no urbanismo do século XIX, o projeto considerou também a realidade atual, uma vez que, passados quase 200 anos sobre a extinção das ordens religiosas, se está a assistir ao início de um novo ciclo, com a venda, pelo Estado, de parte significativa dos bens imóveis então nacionalizados.” (in <http://lxconventos.cm-lisboa.pt/objectivos/>).

Durante este projeto foi realizado o levantamento fotográfico dos conventos estudados, sendo dada importância tanto às estruturas que os caracterizam como convento, como aos novos usos que deles se ocuparam. Deste levantamento resultou também uma exposição fotográfica.

| Raul Gregório (DRC)

«A inter-relação entre inventário, correlação de dados, valorização e conservação»

A Conservação preventiva como disciplina, seus princípios, áreas, enquadramento legal e planeamento de proteção.

5º PAINEL

| Joana Simas (CML)

«A génese da Coleção Visitável da Matriz de Lagoa: o inventário»

O inventário, tal como inicialmente era designado, é um verdadeiro itinerário do saber, na medida em que consiste num elemento crucial para qualquer museu, conhecer melhor a sua coleção, estudando-a ao pormenor e daí estar presente nas funções museológicas da Lei nº 47/2004 – Lei Quadro dos Museus Portugueses. É neste contexto que surge a Coleção Visitável da Matriz de Lagoa que viu no inventário realizado na Igreja Paroquial de Santa Cruz, a possibilidade de dar uma nova vida às peças, muitas das quais estavam ocultas e/ou “esquecidas” do olhar da

comunidade, enquadrando-as numa narrativa coerente em contexto museológico. O inventário do património material móvel da Igreja Matriz de Lagoa contou com o registo de numerosas peças, das diversas categorias, como por exemplo, escultura, ourivesaria, pintura, cerâmica, mobiliário, paramentos, entre outras, onde se procedeu ao levantamento dos diversos bens patrimoniais existentes na igreja, a recolha de documentação fotográfica das peças, a criação de uma ficha individual para cada peça, de acordo com os critérios utilizados nas Normas de Inventário publicadas pela DGPC, a análise do estado de conservação das peças, bem como a sua datação, materiais e técnicas utilizadas. Por fim, foi atribuído um número de inventário a cada peça.

Após este levantamento exaustivo, estavam reunidas as condições para se iniciar o planeamento da implementação de um espaço museológico de tipologia eclesiástico nos espaços anexos adjacentes à referida igreja. A Coleção Visitável da Matriz de Lagoa foi inaugurada a 18 de maio de 2017.

Neste seguimento, na comunicação oral pretende-se mostrar, todos os passos realizados durante o inventário, as dificuldades sentidas, as soluções encontradas, bem como, apresentar a Coleção Visitável da Matriz de Lagoa que fará parte da futura Rede de Museus do Concelho da Lagoa.

Em suma, o inventário permitiu não só redescobrir peças que outrora estavam caídas no esquecimento, muitas em condições menos favoráveis à sua preservação, advertindo para uma adequada conservação preventiva, bem como estudá-las, valorizá-las e divulgá-las, impulsionando, assim, o projeto da Coleção Visitável da Matriz de Lagoa que tem como missão estudar e preservar o património religioso e, através dele, promover a fé através da cultura, nomeadamente, através do património histórico-artístico presente.

| Hélia Silva (CMLisboa)

«A documentação do processo de extinção das ordens religiosas como fonte para Inventários Museológicos – o caso de Lisboa»

Quando o governo liberal, numa das primeiras medidas pós-Convenção de Evoramonte, decide extinguir todas as casas religiosas masculinas das ordens regulares e incorporar os seus bens na Fazenda Nacional, não fez mais do que retomar e ampliar um conjunto de medidas legislativas decretadas nas cortes constituintes de 1821-1822, e que D. João VI revogaria em 1823.

O clero (em particular as ordens religiosas e os conventos) tinha sido uma das principais bases de apoio espiritual e financeiro de D. Miguel, antes e durante a guerra civil. Por isso, num novo estado que se pretendia laico era necessário suprimir os apoios pessoais e institucionais do absolutismo.

É com base no decreto de 9 de agosto de 1833 que, em finais desse ano se iniciam os processos relativos às primeiras supressões. Por portaria régia era nomeado um juiz supressor (geralmente um pároco) para coordenar as várias diligências que antecediam e determinavam a extinção de qualquer casa religiosa. No caso de haver menos de 12 religiosos estavam reunidas as condições para dar início ao inventário geral de bens (objetos do culto divino, preciosos e do comum, mobília, livraria, cartório, dívidas ativas e passivas, encargos pios, prédios rústicos e urbanos, etc.).

Com a entrada em vigor do decreto de 30 maio de 1834, as casas religiosas masculinas ainda ativas ou com processo de supressão por concluir são imediatamente extintas. No caso de Lisboa, o processo de tomada de posse, inventariação e avaliação dos bens passou a ser supervisionado pela Prefeitura da Estremadura e dirigido pelos provedores dos 6 distritos da capital.

O destino dado aos bens dos conventos de Lisboa foi diverso:

- As igrejas conventuais foram entregues provisoriamente ao pároco da respetiva freguesia até lhes ser dado o destino final;
- Os *bens de raiz* foram postos à venda sob direção e regulação da Junta do Crédito Público, à exceção, entre outros, dos “Bens, e Edifícios que forem destinados para o serviço público”;
- Os objetos ditos “do comum” (móveis, loiças, roupa, etc) foram vendidos em hasta pública ou entregues ao Enfermeiro-mor do Hospital de São José;
- Os vasos sagrados, paramentos, livrarias e objetos preciosos não sagrados, principalmente pintura, eram remetidos para depósito até ser determinado o seu destino.

O processo de supressão dos 30 conventos femininos de Lisboa levou muito mais tempo

porque a legislação necessária só foi escrita em 1861 e regulamentada um ano. Assim, o

processo de extinção destas casas religiosas é mais prolongado, finalizando-se apenas em 1909 com a morte da Carolina Augusta de Castro e Silva (de 93 anos), última religiosa professa do Mosteiro de Nossa Senhora da Nazaré.

Se através do projeto **LxConventos** foi possível estudar, de forma sistemática e integrada, o impacto da extinção das ordens religiosas no desenvolvimento, funções e imagem da cidade de Lisboa, ainda se encontra por relacionar os dados obtidos por este projeto sobre o património móvel e integrado. No entanto, cruzando várias fontes é possível compreender a riqueza artística e científica que estas casas religiosas tinham e como estes bens foram a base de quase todas as coleções dos museus e bibliotecas nacionais.

Para o conhecimento do património existente em Museus e Bibliotecas é fundamental o

cruzamento dos vários inventários, nomeadamente os de extinção e o estudo dos

edifícios de onde este património é originário.

Três exemplos para debate:

- O retábulo de Gregório Lopes existentes no MNAA, conhecido como “Retábulo de Santos-o-Novo”, um conjunto de 6 pinturas sobre madeira datadas de 1539/1541.
- A transferência do interior da Igreja do Convento de Santo Agostinho para a Igreja Matriz de São João Baptista, da Vila de Alhandra, Concelho de Vila Franca de Xira.
- A nova Igreja de S. Marco, Arripiado, Chamusca. Um edifício reconstruído em 1958 com a fachada da Igreja do Convento de Santa Apolónia de Lisboa.

Projeto LxConventos.

Desenvolvendo-se entre Maio de 2013 e Novembro de 2015, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o projeto *LxConventos: da Cidade Sacra à Cidade Laica. A extinção das ordens religiosas e as dinâmicas de transformação urbana na Lisboa do século XIX* (PTDC/CPCHAT/4703/2012) resulta de uma parceria entre o Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL), o Departamento de Património Cultural (CML), o Arquivo Nacional da Torre do Tombo (DGLAB) e o NOVALINCS – Laboratory for Computer Science and Informatics da Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNL).

Exposição «Conventos de Lisboa – Permanências e Metamorfoses»

A presente exposição decorre do projeto *LxConventos: da Cidade Sacra à Cidade Laica. A extinção das ordens religiosas e as dinâmicas de transformação urbana na Lisboa do século XIX*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e desenvolvido entre maio de 2013 e novembro 2015.

Foram objetivos do projeto estudar, de forma global e sistemática, a história e arquitetura dos conventos de Lisboa, e compreender a importância e o impacto que a extinção das Ordens Religiosas teve no modo como se processou o desenvolvimento urbano da cidade ao longo dos últimos dois séculos.

Partindo da perspectiva do fotógrafo José Vicente, esta exposição pretende mostrar a singularidade, a qualidade arquitetónica, o peso histórico e as múltiplas vivências dos antigos conventos de Lisboa. Peças fundamentais da imagem e identidade da cidade, ainda que muitas vezes invisíveis ao olhar.

O conhecimento e a divulgação deste património contribuem para sensibilizar proprietários, decisores públicos e comunidade em geral para a necessidade da sua proteção. Só assim é possível assegurar o legado desta prestigiosa herança patrimonial. Usada e vivida, como as arquiteturas devem ser.

Créditos:

COMISSÃO CIENTIFICA

Duarte Nuno Chaves
Isabel Soares de Albergaria
Sofia Lapa
Susana Goulart Costa

COMISSÃO ORGANIZADORA

Ana Paula Rita
Elisa Gomes Sousa
Sónia Couto Moniz

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO

Câmara Municipal da Ribeira Grande/Museu Vivo do Franciscanismo
CHAM Açores

DESIGN E PAGINAÇÃO

Emanuel Pinto

FOTO CAPA

Luís Furtado

APOIOS

Governo Regional dos Açores/Secretaria do Mar Ciência e Tecnologia/
Fundação para a Ciência e Tecnologia
Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande